ZH ZERO HORA

Publicado em 03/02/2022 - 05:54

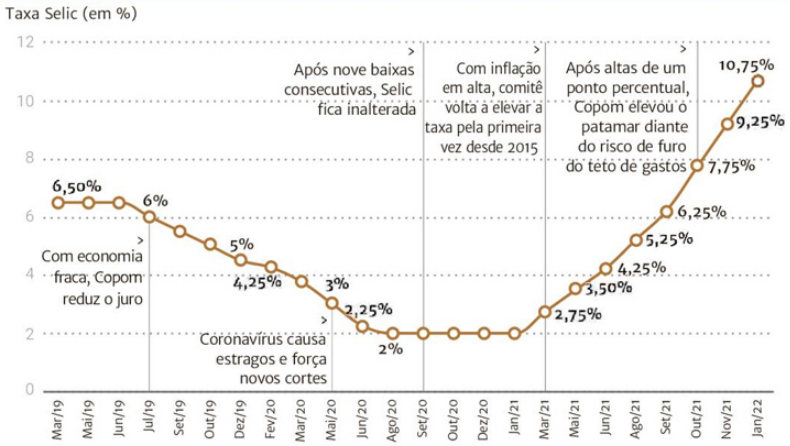
Juro vai a 10,75% e volta aos dois dígitos após quatro anos

NOVO AUMENTO

Juro vai a 10,75% e volta aos dois dígitos após quatro anos

RAFAEL VIGNA
rafael.vigna@zerohora.com.br

A variação



Fonte: BC

Em linha com as projeções do mercado, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) elevou a taxa Selic em 1,5 ponto percentual, rompendo, pela primeira vez em quatro anos e meio, o patamar de dois dígitos.

O aumento, anunciado oficialmente ontem, é o terceiro de igual magnitude e o oitavo verificado desde março, quando teve início o novo ciclo de altas na taxa básica de juro da economia brasileira, agora, fixada em 10,75% ao ano.

A decisão da primeira das oito reuniões agendadas para 2022 dá continuidade aos esforços para conter o avanço da inflação no país. Esse é o principal instrumento de política monetária para influenciar empréstimos, financiamentos e aplicações financeiras. Quanto mais elevada a Selic, menor é a atividade econômica e, por consequência, espera-se que diminua a pressão sobre os preços.

A má notícia é que, na visão de analistas, esse não deve ter sido a último acréscimo do exercício. O próprio comunicado oficial deixou as portas abertas para um novo aumento no próximo encontro do Copom, marcado para os dias 15 e 16 de março.

"Em relação aos seus próximos passos, o Comitê antevê como mais adequada, neste momento, a redução do ritmo de ajuste da taxa básica de juros. Essa sinalização reflete o estágio do ciclo de aperto, cujos efeitos cumulativos se manifestarão ao longo do horizonte relevante. O Copom enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados para assegurar a convergência da inflação para suas metas, e dependerão da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos e das projeções e expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária", informa o texto divulgado após o encerramento da reunião.

Surpresa

O comunicado aponta que a inflação ao consumidor seguiu "surpreendendo negativamente" e destaca que, por um lado, a possível reversão, ainda que parcial, do aumento nos preços das commodities internacionais em moeda local "produziria trajetória de inflação abaixo do cenário de referência".

Por outro lado, diz o texto, as políticas fiscais que implicam no impulso adicional da demanda agregada ou piorem a trajetória fiscal futura podem gerar impacto negativo em ativos considerados importantes. Conforme a nota, as incertezas seguem "desencorajando" as expectativas de inflação, apesar de desempenho mais positivo das contas públicas.

Avaliações

O economista e professor da UFRGS Marcelo Portugal lembra também que, depois de um ano, a taxa real ficará positiva, ou seja, acima da inflação (10,06% em 2021). Com isso, a diferença chegará próxima de 0,75 ponto percentual, o que ainda é insuficiente para controlar a alta disseminada na economia brasileira.

– Não apenas teremos esse aumento como novas elevações de forma subsequente. Não pararemos antes de 12% ou 12,25% – avalia Portugal.

O economista-chefe da CDL Porto Alegre, Oscar Frank, concorda. Segundo ele, os juros em dois dígitos serão prolongados por 12 meses ou mais. Só então, comenta, deve ocorrer um ajuste lento e gradual com tendência de queda para a Selic e na direção para uma taxa de equilíbrio (sem pressão pelo lado da oferta ou da demanda) que seria entre 7,5% e 8% ao ano.

Frank também chama atenção para os fundamentos da movimentação atual nos juros. Um deles, analisa, está ligado à deterioração das expectativas para a inflação nos 45 dias de intervalo entre a última reunião do Copom, em 2021, e a primeira de 2022.

Neste aspecto, em dezembro passado, o Relatório Focus do próprio BC previa que o índice oficial, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), encerraria este ano em 5,02%. Agora, a mesma fonte projeta o indicador em 5,38%, ou seja, acima do teto da meta estipulado para o período, de 5% e com margem para mais alterações. As explicações, comenta Frank, passam por conjunturas externas e internas:

– Por um lado, observamos o arrefecimento da crise hídrica em razão da chuva nas regiões mais prejudicadas do país, por outro, a alta é significativa no barril de petróleo lá fora. Além do desequilíbrio entre oferta e demanda houve um fator novo ao longo das semanas que foi o conflito entre Rússia (*terceiro maior produtor, com cerca de 10% da produção mundial de petróleo*) e a Ucrânia.

O sócio-diretor da Fundamenta Investimentos Valter Bianchi Filho acrescenta que os preços no setor energético, de petróleo e combustíveis, contrabalançados por uma queda do dólar, podem tornar o descompasso da inflação mais dificultoso. Além disso, ele destaca a pressão sobre os preços das commodities agrícolas, em razão da severa estiagem que atinge os países da América do Sul.

– Este é o nome do jogo: petróleo versus dólar. Se o câmbio cair em maior proporção do que o petróleo subir, os efeitos serão mais positivos para o controle da inflação – sintetiza.

Preocupação

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Gilberto Porcello Petry, considera que o aumento de 1,5 ponto percentual ocorre porque o cenário doméstico mostrou-se com inflação mais disseminada e houve piora na expectativa sobre a atividade.

O dirigente expressa, porém, preocupação, "pois a elevação dos juros bancários torna mais alto o custo do capital de giro, necessário às indústrias".

GZH
Como ficam as simulações de crédito com essa nova taxa Selic: **gzh.rs/simc**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Novo Aumento **Pagina:** 8

Copyright © Clipclap 2025.